

INFORMÁTICA E CIDADANIA

Raulino A. Oliveira*

O corporativismo tem seus dias contados; o mundo dividido em especialistas segundo finalidades, com suas respectivas corporações sindicais está desaparecendo.

1) Alvin Toffler, em recente declaração, quando de sua última visita ao Brasil, afirmou que a dramaticidade do processo do nosso desenvolvimento residia no fato que enfrentávamos a um só tempo as três grandes ondas, tínhamos que conviver com problemas da primeira e da segunda modernização industrial e, concomitantemente, nos introduzimos em toda a complexidade da revolução tecnocientífica. Se bem observado, o debate e as perplexidades em que a Nação se encontra, me parecem bem de acordo com a constatação de Toffler. Estamos exatamente tentando sair de uma crise sem precedentes em nossa história, percebendo o enorme "gap" existente em quase todos os ramos da sociedade brasileira. Como investir concomitantemente em três frentes, tentando recuperar o atraso do País?

2) Será que dá para recuperar o tempo perdido; os investimentos inúteis; a crescente perda de qualidade de vida do nosso povo? Será que poderemos recuperar este Estado, tornando-o público e capaz de gerir um projeto de modernização e desenvolvimento em áreas da sociedade contemporânea? Será que em algum momento poderemos conviver com

os demais países do mundo em condições de enfrentar as exigências da internacionalização? Será que o problema atual brasileiro é de recuperação e de otimização de suas atuais estruturas de funcionamento? Sinceramente, a defasagem é muito grande. E os antidotos que estamos usando, mesmo que acompanhados por um esforço de recuperação de natureza ética, parecem insuficientes e inadequados para nos tirar da crise.

3) Ao Brasil só lhe resta escapar para o futuro. A saída brasileira é a ruptura com todos os seus atuais sistemas de funcionamento. A saída é a revolução! E hoje se trata da revolução tecnocientífica! Há uma nova base tecnológica na humanidade e novos modos de produção irão surgir. Efetivamente tudo que é sólido se desmancha no ar! A base fabril de produção não será mais o modelo de organização da sociedade dos homens. A sua essência baseada na divisão entre quem planeja e quem executa, produzindo alienação de vontade, não será mais a mola mestra do mundo. O taylorismo já é passado, e conseqüentemente seu modelo de organização social está por terminar. O corporativismo tem seus dias contados; o mundo dividido em especialistas segundo finalidades, com suas respectivas corporações sindicais está desaparecendo.

4) Os mecanismos de representação do poder estão em crise no mundo inteiro. A nova base técnica possibilita uma intensa mobilidade dos atuais instrumentos de poder que são a informação e os dados. A grande novidade é a possibilidade de se criar uma infra-estrutura que viabilize

o movimento destes instrumentos, isto é, a total intercomunicação da informação através de uma profunda interconexão em rede. O processo de informatização da sociedade e a possibilidade de sua interligação em rede é a grande revolução sociotécnica que estamos presenciando. A profunda democratização da informação pelas infinitas conexões que a rede proporciona coloca alternativas inimagináveis para o desenvolvimento da humanidade. A rede está em constante construção e renegociação. Sua extensão e sua composição estão permanentemente em mutação para os componentes envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, objetos técnicos, etc. Os nós e as conexões de uma rede são heterogêneos. Na comunicação, as mensagens são multimídias, analógicas ou digitais. Cada ponto ou nó da rede pode ser outra rede e assim por diante, indefinidamente. A rede não tem centro, ela possui diversos centros móveis saltando de um nó para outro. Enfim, a rede não está no espaço, ela é o novo espaço da contemporaneidade do homem.

5) A ideologia está na rede, e o novo trabalhador coletivo também, mas agora não mais dicotomizado por uma força social que lhe era estranha e o organizava de acordo com interesses os quais era incapaz de controlar e compreender. Agora trabalhadores se juntam com um novo *outsider* denominado capital cognitivo, para gerar produtos e pro-

* Administrador de empresas e dirigente do Partido Popular Socialista, PPS.

O Estado público e não estatista será o Estado em rede, conectado com a cidadania.

cessos. Tudo tende a virar consumo e a interface com a cidadania é vital para que o resultado seja garantido, para que tenha significação social.

6) Como enfrentar os graves problemas da educação em nosso país? Recuperando e reformando a rede escolar existente? Construindo os denominados CIACS? Privatizando ou estatizando o ensino em todos os seus níveis? Falsas questões que demandariam milhões de dólares e não resultariam em quase nenhuma melhoria. Precisamos informatizar a educação, colocando o saber em rede, e assim possibilitando a troca e a construção de processos de aprendizagem e de treinamento absolutamente inéditos e criativos. Quebrando o conceito do capitalismo industrial das especialidades, dos mestres, dos doutores. Novas profissões, novas atividades, alternativas não subalternas para os meninos e meninas de rua. A possibilidade de convocá-los para participar de um mundo novo e mágico, onde eles perceberão rapidamente que não serão mais incorporados ao processo produtivo como tapa-buracos, nas profissões em que os filhos dos ricos não se habilitariam. Todos com possibilidade de acesso à rede, sem chaves, sem *passwords* (estas tentativas dos informatas de imaginar que a informática seria apenas um arsenal tecnológico a mais no mundo da produção dividido e alienante), terá de ser assim, a pesquisa será pública e, portanto, patrimônio de toda a Nação.

7) E a saúde: teremos que investir milhões de dólares para recuperar os hospitais públicos, ou vamos privatizar a saúde, com o Estado capitulando de uma função que lhe é inerente e obrigatória? Vamos informatizar a saúde e colocar em rede todo o seu sistema de funciona-

mento. Vamos evitar as aberrações, tais como recentemente noticiada, onde num hospital público do Rio de Janeiro o diretor encontrou toneladas de palitos em seus estoques, quando constatava que não possuía sequer esparadrapo para seu funcionamento mínimo. Um serviço como a saúde em rede permitirá uma melhor racionalização dos recursos, definição das prioridades, onde concentrar atendimento, em que direção deverão se desenvolver as pesquisas e o desaparecimento da corrupção pelo caráter transparente da rede.

8) Aliás, assim será com todos os serviços públicos brasileiros. Em rede, a corrupção será residual e o controle da cidadania sobre os próprios serviços definirá seus padrões de funcionamento e melhoria. A maioria dos ministérios e muitas de suas autarquias desaparecerão, porque são produto de uma concepção de mundo onde as especialidades é que definiam tudo, impondo divisões e burocracias. Todos os serviços conectados evitarão a dispersão dos esforços de controle e de execução de tarefas repetitivas e inúteis, como infelizmente é tão comum acontecer hoje em dia no Estado brasileiro.

9) Muitos poderão argumentar que este projeto é visionário e muito caro. Temos outra saída? Gastar tentando recuperar e otimizar o obsoleto, o que vai ter de desaparecer pela necessidade histórica? Manter ou recuperar o que não funciona porque está desligado dos interesses dos indivíduos? A quem interessa um Estado como se encontra o nosso? Só há resposta na corporativização e privatização de interesses escusos. O Estado público e não estatista será o Estado em rede, conectado com a cidadania.

10) Já temos uma grande rede instalada e funcionando atualmente no Brasil: a rede do sistema financeiro. Como podemos observar, não é por acaso que este sistema é o grande beneficiário do caos em que se encontra nossa economia. Ele opera e decide em tempo real e não mais no tempo histórico dos demais processos existentes no País. Tem a capacidade de

se modificar incessantemente, de acordo com as flutuações da conjuntura hegemonizando ganhos e ditando normas. Aqui cabe uma observação sobre o comportamento das pessoas diante da modernização: desafio a quem indique um indivíduo que aceite ser cliente de um banco que não esteja conectado na rede do sistema financeiro, que abra mão das informações a que tem possibilidade para gerir suas disponibilidades mesmo que pequenas ou até ínfimas, encontre um aposentado que concorde em trocar o seu cartão magnético pelo antigo carnê.

11) É pena que o Brasil tenha, mais uma vez, por uma questão corporativista quase perdido a chance de ter o IPMF, o primeiro dos impostos que tem dentro de si a questão da transparência e do próprio controle, porque é cobrado na rede. A modalidade da cobrança torna dispensáveis as tarefas que não agregam valor, que pretensamente pretendem impedir o abuso, sendo elas mesmas abusivas e muitas das vezes geradoras de corrupção. Além de permitir a aferição da denominada economia informal brasileira, hoje tão significativa quanto misteriosa.

12) Podemos aprender com isso, realizar a revisão constitucional em rede, abrindo a perspectiva de que todos possam opinar, que a distância não seja um entrave à sua participação e ao conhecimento, que os lobbies fiquem impedidos pela transparência nos processos de decisão, ou seja, que haja uma verdadeira socialização da informação e dessa forma a democracia direta comece a ser exercida neste país, como algo do cotidiano das pessoas. Assim o projeto de informatização do País poderia ser melhor discutido em seus aspectos constitucionais. A reforma tributária/fiscal examinada em hipertexto deixaria de ser o enigma de alguns especialistas e iniciados. A reforma do poder judiciário e a célebre discussão do tipo de controle que a sociedade deve exercer sobre este poder ficaria socialmente resolvida com um Judiciário em rede e conectado às demais atividades sociais e

Com a revolução tecnocientífica a simultaneidade passa a ser espaço-temporal, as diferenças de distâncias e dos tempos se anulam na rede.

políticas do País. A reforma da lei eleitoral com a informatização completa dos pleitos, sendo esta medida duplamente importante, em primeiro lugar pela sua própria intenção de dar lisura aos resultados eleitorais e, em segundo lugar, por proporcionar a instalação de terminais que poderiam beneficiar regiões as mais afastadas do País a habilitarem sua integração à rede.

13) O próprio Congresso brasileiro se resolverá em rede. Se todos os esforços que estão sendo desenvolvidos naquela casa pudessem ser integrados, interfaciados e compatibilizados, teríamos um ganho fantástico, a queda das repetições, das redundâncias, dos caminhos retrilhados. Enfrenta-se o corporativismo também e principalmente dentro do Congresso, as autorias não seriam mais de indivíduos, mas do corpo congressual em ação. Episódios como o recente escândalo do Orçamento deixarão de existir, pois o orçamento em rede não só permitirá um conjunto de decisões muito mais acertado e concorrente com o projeto de modernização da sociedade como um todo, mas também proporcionará à cidadania o seu controle e a co-participação na sua elaboração. Com a revolução tecnocientífica a simultaneidade passa a ser espaço-temporal, as diferenças de distâncias e dos tempos se anulam na rede.

14) Gostaria, ainda, de levantar o tema dos excluídos, tão importante em todo o mundo contemporâneo e agudíssimo aqui no Brasil. É preciso ficar bem claro que a exclusão de milhões de seres humanos do proces-

so social é um fenômeno típico do capitalismo industrial, com sua intrínseca necessidade de criar e recriar um permanente exército de mão-de-obra de desempregados para controlar o preço da força-de-trabalho e manter suas taxas de lucro e acumulação sempre crescentes. O fato do capitalismo estar se apropriando da nova base técnica gestada pela informática transforma aquele tradicional exército e o amplia em populações de desnecessários para o processo produtivo.

15) E os excluídos do "socialismo real"? Uma sociedade verticalizada pelo excessivo taylorismo instituído em todas as esferas sociais impossibilitou o movimento de democratização da produção e da tão necessária troca de informações que o mundo contemporâneo precisa para funcionar. O saber estancado, existente no "socialismo", impedia a sua própria transformação em produto para a sociedade como um todo. Talvez não seja exagero dizer que o denominado leninismo (ou stalinismo?) seja um tipo de taylorismo, uma forma política de se tentar organizar a sociedade de fora, vertical e autoritariamente. Naquelas sociedades os excluídos eram as grandes majorias que não conseguiram sequer um estatuto mínimo de cidadania.

16) Ocorre, entretanto, que se trata de uma revolução, isto é, um novo modo de produção está sendo gestado na sociedade humana, onde aquela relação social denominada *capital* deixa de poder continuar organizando o mundo do trabalho de fora e por cima do processo produtivo, mantendo o homem trabalhador alienado e incapaz de propor uma alternativa orgânica para a sociedade. A revolução tecnocientífica introduz a relação social de autonomia no processo de produção humana, de heterogeneidade, permitindo a elaboração de um pensamento social coletivo. A única chance dos excluídos é a revolução, e será através dela e nela que se encontrarão formas de incor-

porar milhões de pessoas em infinitas microatividades, comunicando-se e trocando em infinitas conexões, propiciando inclusive, e pela primeira vez na história social dos homens, que a tarefa criadora seja lúdica, rompendo com a "sina bíblica" que sempre vinculou o trabalho ao esforço com sofrimento, como verdadeira expiação do pecado original. Não é fácil. Construir o novo, dar o salto, muitas vezes parece aventura, e surge em nossos corações e mentes a idéia de preservar porque a mudança traz o risco da desordem e do caos.

17) O próprio processo de desenvolvimento da informática e da telemática traz esta contradição. A idéia da rede surgiu para diminuir custos de informatização em grandes empresas. Com a rede se preservaria a grande empresa e quem sabe o grande computador, o grande pai gerenciando tudo como nos últimos duzentos anos. Só que a rede local é insuficiente, ela precisava se conectar com a grande rede de comunicações do mundo contemporâneo. Neste momento a revolução tecnocientífica consolidou-se, com a informação deixando de ser propriedade privada da produção.

18) Quando do início da criação dos microcomputadores, na medida em que surgiam periféricos ou se apresentavam necessidades, eles eram denominados, conforme cada caso, de *inputs* ou *outputs*, isto é, mecanismos de entrada ou de saída. Estava embutida nestas concepções a idéia da exterioridade da máquina, da diferença de lados, já se constituía o novo com a ideologia do velho. Mas a realidade foi mais forte e rapidamente a revolução apropriou-se do conceito de interface. O que é uma estação de trabalho informatizada senão um complexo dialético de interfaces? E a interface é a conexão realizada, a metamorfose, a comunicação transformando-se e movimentando-se, possibilitando que a cultura da humanidade se transforme num grande hipertexto social.